

A MEMÓRIA: ORIGENS CARISMÁTICAS

INTRODUÇÃO

A experiência vocacional de S. João de Deus foi uma maneira em que conheceu a verdadeira mesma miséria dos seres humanos. O processo do chamamento vocacional que Jesus faz aos seus discípulos caracteriza-se por etapas específicas e, no caso da vocação de João Cidade, podemos identificar quatro, a saber: esvaziamento, chamamento, alteração e identificação. O discípulo de Jesus deve ser posto à prova como o ouro no cadinho, até que a sua essência fique purificada. João Cidade foi acrisolado através de experiências fortes na etapa do esvaziamento, até a sua alma estar purificada, identificando-se Jesus misericordioso.

O processo de identificação da pessoa que é chamada a seguir Jesus não é fácil: verifica-se uma busca constante, como aconteceu com João Cidade, e o salmo 41 descreve-o claramente: "Como suspira a corça pelas águas correntes, assim a minha alma suspira por ti, ó Deus". Foi este o sentimento vivido por S. João de Deus no seu coração; procurou intensamente até encontrar dentro de si a missão para a qual Jesus o chamava: servir os doentes e os necessitados. Descobriu a dignidade da pessoa que sofre e esse foi o ideal que o motivou a despende a sua vida ao serviço dos doentes, da mesma forma que Jesus deu a sua vida para salvar os pecadores.

SÍNTESE DO TEXTO

O caminho espiritual de S. João de Deus é enquadrado em quatro etapas específicas que refletem claramente sua peregrinação. Tais etapas são:

vácuo: **abrir espaço à graça**

Depois de experimentar muitos fracassos na sua vida, incluindo infortúnios na vida militar, e de receber a notícia da morte dos seus pais, João de Deus sentiu-se desolado e a sua alma não teve outra saída senão o despojamento de si, descobrindo a graça de Deus, em quem depositou toda a sua confiança.

b. **Ochamada:** para o serviço final do Senhor Deus.

Procurando a vontade do Senhor e pondo-a em prática, João Cidade realizou as mais diversas tarefas: cuidador de gado, pedreiro na construção das muralhas de Ceuta, vendedor de livros... Tratou-se sempre de ocupações simples, mas elas foram moldando a sua alma até se reconhecer escravo do Senhor, mas passando também por uma crise espiritual que, juntamente com a oração, com lágrimas, reclamava tranquilidade e paz para a sua alma. Perante semelhante súplica, o Senhor não se fez esperar e a resposta aconteceu ao ouvir o sermão de João de Ávila comentar uma passagem do evangelho segundo S. Lucas (6,

17-32), em Granada, no dia da Festa de S. Sebastião. João Cidade sentiu a força do chamamento do Senhor e viu claramente qual era a sua missão: ser pobre para os pobres e dedicar a sua vida àqueles que sofrem, num caminho de humildade.

Alteração: transformado pela palavra de Deus

A vocação de S. João de Deus define-se como vontade de, desnudado, seguir Jesus Cristo, pobre. No Hospital Real encontrou a resposta a muitos anos de pesquisa. Foi lá que viveu na própria pele a experiência da miséria humana e do desprezo, que lhe revelou que os doentes também são filhos de Deus; saiu desse lugar com o objetivo de criar um hospital próprio, para cuidar dos doentes, como ele desejava, como faria com Christ.

Identificação de d.: como Jesus pobre e os pobres

S. João de Deus partilhou a miséria humana com os seus irmãos doentes e pobres de Granada; com a ajuda de vários benfeitores, abriu a sua casa-hospital para onde transportava, às costas, todos os doentes que encontrava nas ruas da cidade e tratava-os como se fossem as pessoas mais importantes do lugar: eram eles os "senhores" e João o seu servidor. Essa experiência levou-o a dar-se com humildade e a reconhecer que o que ele fazia pelos pobres era pouco, comparado com a grande misericórdia que Deus tinha para com ele.

O amor que João sentia pelos doentes e por aqueles que sofriam levou-o a esforçar-se para dar resposta às necessidades dos seus irmãos, mas tudo isso era feito por amor a Jesus: "Vejo-me aqui empenhado e preso só por Jesus Cristo" (2GL 7).

TEXTO

Caminho de Hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus

íngremes¹ – até chegar ao topo. Paradoxalmente, atingiu esse cume descendo até ao mais ínfimo da miséria humana. Na sua vida, podemos distinguir quatro etapas, que denominamos com as seguintes palavras: *esvaziamento, chamamento, alteração e identificação*.

a) Esvaziamento: deixar espaço à graça – primeira etapa

10. Após uma série de fracassos, João de Deus experimentou o vazio e descobriu a plenitude de Deus. *"Deus antes e acima de todas as coisas do mundo!"*. Não obtiveram êxito as suas primeiras aventuras como soldado e caiu por terra – derrubado, como Paulo –, ameaçado e sem outro socorro senão o que lhe podia vir do alto². Falhou como militar quando um capitão o condenou a ser enforcado numa árvore por ter

¹ João de Deus não ignora que, para atingir a plenitude e evitar os escolhos, o homem precisa de vigiar e estar disponível: *"andai sempre vigilante, com o pé no estribo"*, porque pode acontecer que *"nessa viagem vos haveis de ir perder"*. Cf. S. JOÃO DE DEUS *àp.* in Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, *Constituições, Cartas de S. João de Deus, Regra de Santo Agostinho*. Telhal 1985.

² o cerco de João de Deus ofereceu-se para ir buscar as provisões que faltavam às tropas no destacamento militar: *"montou numa égua que tinha tomado aos franceses"* e, como não levava freio e correndo a galope pela falda de uma serradirigiui-se para a povoação, mas a égua atirou com o cavaleiro para o meio de um fraguado, seguindo o seu "instinto natural". João não conseguiu detê-la; ficou sem fala por mais de duas horas, vertendo sangue pela boca e pelo nariz, sem sentidos. Ao despertar, sentiu impotência, dores, ameaça pela proximidade do inimigo e... sem socorro em tão grande perigo, *"ergueu-se do chão, o melhor que pôde, e, falando com dificuldade, pôs-se de joelhos, de olhos fitos no céu, invocando o nome de Nossa Senhora, a Virgem Maria"*. Tomou nas mãos um pau e, apoiando-se nele, foi andando, até chegar junto dos companheiros que o esperavam *"e o mandaram deitar numa cama"*. *História da Vida e Obras de S. João de Deus* S. João de Deus de seguida, abreviadamente,). [N.d.T. – As citações são tomadas da edição portuguesa da Biografia de S. João de Deus, traduzida por Fr. Aires

perdido os despojos de guerra que deixou roubar: apesar de não ter sido executado, foi expulso do acampamento, ficando na mais negra miséria. No seu caminho – desde Fuenterrabía até Oropesa – queixava-se *“da paga que o mundo dá a quem mais o segue”*.³ Depois de nove anos de silêncio, João alistou-se novamente no exército do Imperador e foi combater contra os turcos. Voltou de Viena e desembarcou em A . A proximidade da sua terra despertou nele a saudade dos seus pais, de quem se separara aos oito anos, mas a sua tristeza foi grande quando soube que eles tinham morrido. Sentiu-se vazio. Descobriu a inconsistência da vida:⁴ *“ainda que fosse nosso o mundo inteiro, em nada seríamos melhores e nunca estaríamos contentes por mais que tivéssemos”*;⁵ por isso, decidiu *“não confiar em si mesmos”*.

b) O chamamento: ao serviço definitivo do Senhor Deus – segunda etapa

11.O seu tio deu-lhe a possibilidade de ficar naquela que fora a casa dos seus pais, mas ele recusou, dizendo: *“Minha vontade é de não permanecer nesta terra, mas de ir aonde sirva a Nosso Senhor... Confio no meu Senhor Jesus Cristo que me há de dar a graça de pôr deveras em prática este meu desejo”*.⁶ E continuou a procurar, sem encontrar. Regressou à vida de pastor, em Sevilha. *“Como não via o caminho que Nosso Senhor lhe destinava para O servir, andava triste”*.⁷ Por fim, abandonou definitivamente a vida de pastor. Partiu para Ceuta. Ali, para socorrer uma família enferma, pôs-se a trabalhar na *“fortificação de umas muralhas”*, entregando à família, todas as noites, *“o salário que recebia pelo seu trabalho”*.⁸ ou uma profunda crise espiritual com a ajuda de um frade douto, que o mandou expressamente sair daquela terra e regressar à península. Chegado a Gibraltar, fez uma confissão geral. João, por vezes soluçando, pedia paz, tranquilidade e que chegasse à meta do serviço que desejava *concedei desde já a paz e tranquilidade a esta alma* E a oração foi-se tornando oferecimento cada vez mais generoso: *“a fim de Vos servir e ser para sempre vosso escravo”*. Pedia *“sempre a Nosso Senhor, de todo o coração e com lágrimas, que o encaminhasse para aquilo em que O havia de servir”*: *“assim, Vos suplico, tanto quanto posso, Senhor meu, tenhais por bem ensinar-me o caminho por onde tenho de seguir, a fim de Vos servir*.¹² Procurava o seu sustento realizando diversas tarefas, chegando a ocupar-se da venda de livros, inicialmente como livreiro ambulante. Desejoso de fixar a sua vida no novo ofício, com o qual realizava o seu apostolado, além de arranjar dinheiro suficiente para viver e fazer obras de caridade, *“determinou vir para a cidade de Granada e morar nela habitualmente*. Em Granada, experimentou alguma tranquilidade, dedicando-se às coisas do seu ofício, sem deixar de sentir a voz que palpitava dentro de si e o mantinha em escuta atenta. No dia da Festa de S. Sebastião, subiu à Ermida dos Mártires para ouvir, *ais*, o sermão do Mestre oão. Era ai que onh estava à dele

13.O Un día e Mestre Ávila foi o seu guia espiritual. João de Deus ficou de modo muito especial impressionado com o seu comentário à passagem do Evangelho sobre as bem-aventuranças e a bem-aventurança dos pobres (Lc 6,17-32):

Gameiro, O.H., co-edição de Editorial Franciscana (Braga) e Hospital Infantil de S. João de Deus (Montemor-o-Novo), 1980. Este episódio é relatado no Cap. I, p. 35].

³ Cap. II, 7

⁴ *“Tudo perece... enquanto estivermos neste desterro e vale de lágrimas”* (1DS 6; 2DS 10)...*“A morte destrói e acaba com tudo o que este miserável mundo nos dá, não nos deixando levar connosco senão um pedaço de pano roto e mal cosido”* (3DS 15).

⁵ 1DS 10.

⁶ BC 6vCap. III, 40.

⁷ *“Como não via o caminho que Nosso Senhor lhe destinava para O servir..., andava triste e não tinha sossego nem repouso”*. BC 9.Cap. IV, p. 41-42

⁸ BC 6v-16Cap. V, 44.

*“Acabado o sermão, saiu dali como que fora de si, suplicando, em alta voz, a misericórdia de Deus..., até chegar à sua residência, onde tinha a loja e tudo quanto possuía. Lançou mão dos livros que tinha... e dava-os de boa vontade e gratuitamente ao primeiro que os pedisse por amor de Deus. O mesmo fez com o mais que tinha em casa... Em breve tempo, ficou sem o seu fornecimento e despojado de todos os bens temporais. Mas não se contentou com isso: deu ainda a própria roupa que trazia vestida, sem nada reservar para si... E, assim, despido, descalço e descarapuçado, voltou, gritando, às ruas principais da cidade de Granada, querendo, nu, seguir a Cristo nu, e tornar-se totalmente pobre por amor d’Aquele que, sendo a riqueza de todas as suas criaturas, se fez pobre, para lhes mostrar o caminho da humildade”.*⁹ c) Alteração: transformado pela Palavra de Deus – terceira etapa

14. En su búsqueda, Juan se encaminó hacia Granada.

Quedó “herido del amor de Iesu Christo He aquí “la merced que le avia de hacer”. Descubrió el Camino que tanto buscó y deseó. La vocação de João de Deus define-se como a vontade de, despojado, seguir a Cristo nu e tornar-se completamente pobre por amor d’Aquele que, por ele, se fez pobre.

*“Pessoas de respeito, que isto presenciaram, movidas de compaixão, considerando que não era loucura, como o vulgo julgava..., levaram-no à residência do Padre Ávila. O Padre Mestre Ávila dava muitas graças a Nosso Senhor por ver os grandes sinais de contrição do novo penitente, dizendo-lhe: «Irmão João, animai-vos muito em Nosso Senhor Jesus Cristo e confiai na sua misericórdia, pois Ele levará a bom termo esta obra que começou. Sede fiel e constante naquilo que começastes. Ide em paz com a bênção de Deus e a minha. Eu confio no Senhor, que não vos será negada a sua misericórdia». Saiu João de Deus tão confortado... que cobrou novas forças para se menosprezar, desejando ser tido e julgado por todos como louco, mau e digno de todo o desprezo e desonra, para melhor servir e agradar a Jesus Cristo, já que só a Ele tinha em vista.”*¹⁰

*Vendo-o assim, dois homens probos da cidade compadeceram-se dele... e levaram-no para o Hospital Real, que é onde recolhem e tratam os loucos da cidade... Mas, como o tratamento principal que ali se aplica a todos são açoites e metê-los em ásperas prisões e outras coisas semelhantes, para que, com a dor e castigo, percam a fúria e voltem a si, ataram-no de pés e mãos e, despindo-o, deram-lhe uma boa sova de açoites com uma corda dobrada”.*¹¹

15. No Hospital, João encontrou a resposta à sua impaciente busca de servir o Senhor, onde e como Ele desejasse. A experiência de sentir-se incluído entre os que perderam o bem mais precioso que uma pessoa tem, o juízo, e assim sentir-se lançado no abismo mais profundo do desprezo e da comiseração, recordou-lhe o caminho seguido por Cristo para resgatar a humanidade: era preciso encarnar-se no mundo da miséria humana, sofrer o desprezo daqueles que se julgam sábios e normais, para alcançar a reabilitação daqueles que percorrem o caminho da enfermidade, da pobreza e da loucura; era necessário pertencer ao grupo dessas pessoas para lhes demonstrar que também elas são pessoas, filhas de Deus, como ele... e como todos.

⁹, Cap. VII, p. 53-54.

¹⁰ BC 19ssIbid.Cap. VII, 54; Cap. VIII, 57.

¹¹ BC 23ssIbid.Cap. VIII, p59-60.

“E vendo castigar os doentes que estavam loucos, a viver, com ele, dizia: «Jesus Cristo me conceda tempo e me dê a graça de eu ter um hospital, onde possa recolher os pobres desamparados e faltos de juízo, e servi-los como desejo”».

16. João ficou ferido do amor de Jesus Cristo. Recebeu a mercê que lhe havia de fazer. Ao fazer-se solidário com os pobres e os doentes, vivendo e sofrendo a sua mesma sorte, deu o Caminho que tanto procurara e desejara.

d) Identificação: como Jesus pobre e como os pobres – quarta etapa¹⁷. João começou a percorrer o novo e definitivo Caminho: recolhia e vendia lenha; com o que lhe davam, alimentava-se mal e dava o resto aos pobres. A sua casa eram os portais cobertos das praças e ruas de Granada, partilhando com os deserdados o calor e o frio, as amarguras e as esperanças. Decidiu tornar-se mendigo por amor de Deus, para aliviar o sofrimento e a miséria dos seus irmãos, gritando: *“Quem faz bem a si mesmo? Fazei bem por amor de Deus, irmãos em Jesus Cristo!”*¹⁸. *...deitados pelos portais, a tiritar de frio, desprovidos de roupa, chagados e enfermos, e vendo o muito que disto havia, movido de compaixão, determinou, mais decididamente, buscar-lhes remédio.* Com a ajuda de algumas pessoas devotas, alugou uma casa, arranjou-a com as coisas indispensáveis e *João começou a transportar pobres às costas, de todas as formas que encontrava pela cidade.* Jesus Cristo começava a conceder-lhe a graça de tornar realidade o seu propósito de ter um hospital onde cuidar dos pobres e enfermos segundo os impulsos do seu coração.¹⁹ João de Deus, o hospital é um lugar sagrado, uma casa de Deus. O seu é um lar, sem qualquer discriminação. Deus faz brilhar o sol para todos; nele, o hóspede é o “senhor” e João o seu escravo:

Como a cidade é grande e muito fria, especialmente agora, de Inverno, são muitos os pobres que procuram refúgio nesta casa de Deus. ...nela se recebe toda a espécie de doentes e toda a classe de pessoas, de modo que há aqui tolhidos, aleijados, leprosos, mudos, loucos, paralíticos, tinosos, e outros muito velhos e muitos meninos; e, afora estes, muitos outros peregrinos e viajantes que aqui acodem...²⁰. A gente, estupefacta, não percebia como o Senhor o tinha introduzido na despensa do vinho e ordenado nele o amor.

João crescia na contemplação da “grande misericórdia de Deus” e ele mesmo se fazia misericórdia e gratuidade: *“escutava com grande paciência as necessidades de cada um, sem nunca despedir ninguém desconsolado”*.¹² *“Tudo quanto fazia e dava lhe parecia pouco, vivia na ansiedade de dar-se a si mesmo de mil maneiras”*.¹³ *...faziam dele as pessoas: ela sua muita caridade divina, praticava sempre a caridade e procurava dar esmola.* Passava noites inteiras a pedir ao Senhor *“remédio para as necessidades que via, com profundos gemidos e suspiros”*. João de Deus reconhecia que *“o bem que os homens fazem não é deles, mas de Deus: a Deus a honra, a glória e o louvor, pois tudo é seu, de Deus. Amém Jesus”*.¹⁴ Por isso, *“tudo quanto fazia e dava lhe parecia pouco quanto”*, porque vivia absorvido na dimensão da misericórdia de Deus, que *“tão magnífico e generoso tinha sido para com ele”*. Por isso, *“a sua maior tristeza era não poder remediar as necessidades: isso despedaçava-lhe o coração”*,¹⁵ porque *“de tal maneira o havia embriagado (o Senhor) no seu amor, que nada negava... sendo piadosíssimo e para com todos”*.¹⁶ João de Deus comia geralmente *“cebola assada ou outras comidas de baixo preço”* e *“dormia numa simples esteira, no chão, com uma pedra por cabeceira, coberto com um pedaço de uma manta velha, ...num cubículo muito*

¹² Cap. XVI, 97. BC 36.

¹³ Ibid. Cap. X, .

¹⁴ IGL 11.

¹⁵ IDS 15 e seg. Castro afirma também que *“o seu coração não suportava ver pobres a padecer necessidade, sem que lhe desse remédio”*; BC 57v. Cap. XVI, 101..

¹⁶ BC 44. Cap. X,

acanhado, por baixo de uma escada".¹⁷ *"Num cantinho, debaixo das escadas do hospital, experimenta a pobreza dos seus pobres"*.¹⁸

21. Um dia, descobre que pode endividar-se, oferecer-se a si mesmo como penhor de dívidas para poder continuar a dar remédio a tanto sofrimento¹⁹. Não hesita nem por um momento, pede dinheiro emprestado, penhora-se, as dívidas multiplicam-se, continua a ficar endividado, deve *"mais de duzentos ducados"*,²⁰ mas, mesmo assim, os problemas estão longe de estar resolvidos. *"As recrezenecessidades e angústias aumentam de dia para dia, tanto pelas dívidas como pelos pobres que vão chegando"*.²¹ As dívidas aumentam de tal forma que os credores lhe fecham a porta: *"já não nos querem fiar, por eu dever muito"*.²² A tenaz aperta-se e atormenta-o: as dívidas e as necessidades dos muitos pobres que chegam encurralam-no num beco sem saída. *"Estou tão empenhado e em tanta necessidade que nem sei o que fazer... Vendo-me tão empenhado que muitas vezes nem saio de casa pelas dívidas que tenho"*.²³ 22. Na oração, descobre o sentido de tudo – *"vejo-me aqui empenhado e preso só por Jesus Cristo"*²⁴ – ao encontrar-se num cativo e penhor que se convertem numa prisão perpétua, da qual nunca mais se libertará. Pouco antes de morrer, deixará nas mãos do Arcebispo de Granada, D. Pedro Guerrero, o livro de *"estas dívidas que contraí por Jesus Cristo"*.²⁵ *"Depois, pressentindo que se avizinhava a morte, levantou-se da cama e pôs-se de joelhos no pavimento, abraçado a um crucifixo, estando assim um pouco em silêncio. A seguir, disse: «Jesus, Jesus, nas tuas mãos me encomendo». E, dizendo isto com voz forte e inteligível, entregou a alma ao seu Criador"*.

23. João de Deus foi provado pela angústia e pelo sofrimento. Do mesmo modo que Jesus, fez-se como um dos tantos dementes e, graças à sua fidelidade, foi enriquecido com o dom da verdadeira sabedoria: compreendeu que a dignidade da pessoa está enraizada na riqueza do coração. Como Jesus, dedicou-se a fazer o bem a todos, a começar pelos grupos de pessoas mais discriminadas: os doentes de todas as classes sociais, os pecadores, as prostitutas..., mesmo a custo de ser desprezado e caluniado. Tal como Jesus, contemplou o mundo dos homens com um olhar de ternura e misericórdia e, graças ao seu amor sem limites, tornou o amor contagioso, converteu-se em irmão de todos e deu início a um caminho de solidariedade hospitaleira. Como Jesus, desceu até ao abismo mais profundo da miséria humana, deixando-se levar até ao Hospital Real, onde Deus lhe continuou a falar, desta vez através dos gritos, das queixas e do desespero dos seus irmãos, os doentes; respondeu assim à ansiosa busca de João e à sua decisão de, *"nu, seguir a Cristo nu, e tornar-se totalmente pobre por amor d'Aquele que, sendo a riqueza de todas as suas criaturas, se fez pobre, para lhes mostrar o caminho da humildade"*.²⁶

SÍNTESE: João de Deus percorreu um caminho espiritual que começou com a dureza descarnada do despojamento, indo até à loucura que o contagiou com o infinito amor a Jesus Cristo, passando pelo contacto com a pobreza e marginalização dos bairros degradados de Granada e, imitando o Mestre,

¹⁷ Ibid., Cap. XVII, p103-104

¹⁸ SÁNCHEZ MARTÍNEZ, J., *"Kenosis-diaconía..."*, op. cit., p. 331, 441.

¹⁹ Ibid., p. 292, 307, 393.

²⁰ 2GL 7.

²¹ Ibidem, 2.

²² Ibid., 17.

²³ 2GL Ibid.,8

²⁴ 2GL Ibid.,7.

²⁵ BC 76 Cap. XX, 119.

²⁶ Ibid., Cap. VII, p. 53-54.

chegando a uma identificação mística com os mais pobres, assumindo o seu opróbrio e as suas dívidas até à morte.

2. Tradição: transmissão do espírito do Fundador e Pai

a) Pai e irmão no Espírito: os primeiros Irmãos

25. O dom de João de Deus irradiava por si mesmo. O seu espírito transmitia-se. O seu amor pelos pobres e doentes encorajou muitas pessoas a unirem-se à sua obra de caridade. A maioria, como benfeitores que o ajudavam com esmolas; bastantes, desejosos de colaborar com ele no serviço prestado aos necessitados; alguns, decididos a viver com ele um novo estilo de seguir e imitar Jesus. Com estes, constituiu uma comunidade de Irmãos. Não precisou de lhes dar outra norma de vida senão o exemplo do seu próprio modo de viver.^{26.} ência pessoal, sabia que servir a Jesus Cristo nos seus pobres pressupunha um caminho que não era nada fácil. A quem desejava viver com ele e como ele, recordava, com palavras simples e cortantes, que erassário estar disposto a **esvz-iedeixar a pele e as correias**, a vencer as dúvidas e inseguranças, a andar *emç*; convidava a ter consciência das próprias debilidades e fraquezasão se deixar arrastar porem conta que, no futuro, deveria estar sujeito a *dias de grandes reveses e a outros mais bem sucedidos*,elo que era conveniente que tomasse tempo para **ocmento** encomendando o casoito a *nosso Senhor Jesus Cristo*, e estivesse disposto a percorrer o caminho da ascese pessoal, *levando vida difícil, com fome e sede, humilhações e cansaços, angústias, trabalhos e contrariedades...*, *tudo por Deus, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor de Deus* Insistia na necessidade de viver em relação com Deus e de frequentar os sacramentos: *todos os dias da vossa vida tende Deus diante dos olhos; ouvi sempre Missa inteira; confessai-vos com frequência, se for possível.* moem desejasse unir-se ao seu estilo de vida, precisava de fazer um **shacimiento e de intimidade com Jesus Cristo**o motivasse para a imitação da sua entrega no amor a Deus e ao próximo. Não tolera meias medidas; propõe que se alcance o grau mais alto do amor: *Lembraí-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua bendita Paixão, pois retribuía com o bem o mal que Lhe faziam. Assim haveis de fazer vós: se vierdes para a casa de Deus, saibais conhecer o mal e o bem.* Também não oculta as dificuldades e as exigências: *Mas se vierdes para aqui, haveis de obedecer muito e trabalhar muito mais do que tendes trabalhado...*, *e não para folgar, pois ao filho mais querido é que se confiam os trabalhos mais difíceis. Desvelar-vos em cuidar dos pobres, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor de Deus, e por tudo lhe haveis de dar muitas graças, tanto pelo bem como pelo mal.* éá sentido a tudo o resto, propõe que se aspire a fundamentar e centrar a vida na vivência que animava todo o seu querer e agir: *Amai a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo, pois, por muito que O ameis, muito mais vos ama Ele. Tende sempre caridade, porque onde não há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar.*^{27.} ia Irmãos com experiência da misericórdia de Deus; sim, viveriam revestidos de sentimentos de amor, extremamente prestáveis e diligentes em tudo, fiéis, compreensivos, capazes de perdoar e de reconciliar-se, e unidos entre si. Na sua maneira de ser e de estar, transmitia-lhes uma segurança inflexível na sua fé e no carisma recebido. Bem cedo, os habitantes de Granada puderam constatar que os *Irmãos andam pelas ruas a recolher os pobres e levam-nos para o hospital, ao colo ou às costas, e curam-nos com grande caridade... É do domínio público que os Irmãos, encontrando pobres nas ruas, pegam neles às costas e levam-nos para o hospital.* Acabava de surgir na Igreja a Ordem dos Irmãos de S. João de Deus.

b) O espírito hospitaleiro herdado 28. Os 16. *Los primeros hermanos.* Juan de Dios contó con dos categorías de colaboradores: benefactores y voluntarios. Entre éstos hubo algunos - sus primeiros

*companheiros*²⁷-João de Deus participavam do seu espírito hospitaleiro e difundiam-no. Antón Martín era como que um prolongamento de João de Deus: fundou e dirigiu o Hospital de Nossa Senhora do Amor de Deus, em Madrid, que, após a sua morte, recebeu o seu nome;²⁸ y que él dir Pedro Velasco, transformado pela graça, como Antón Martín, reconciliando-se com aquele que antes era seu inimigo e desejava punir severamente, uniu-se ao santo, imitando o seu estilo de vida, e morreu no Hospital de S. João de Deus, em Granada. Ambos foram tocados pela misericórdia de Deus através do testemunho misericordioso de João e foram testemunhas admiráveis de reconciliação e fraternidade hospitaleira. Os outros companheiros são recordados por testemunhas como sendo hospitaleiros, muito próximos dos pobres e dos doentes a quem assistiam; reconheciam que João de Deus era o seu iniciador²⁹ e imitavam-no na sua hospitalidade sem limites.³⁰ Vinte anos depois da sua morte ainda se mantinha bem vivo o espírito hospitaleiro.

29. Este espírito permaneceu vivo ao longo da história da Ordem. Aí estão, em primeiro lugar, aqueles a quem a Igreja declarou santos, beatos e veneráveis: S. João Grande, S. Riccardo Pampuri, S. Bento Menni; numerosos Beatos Mártires; outros Irmãos, cuja causa de beatificação está em curso (Francisco Camacho, Antón Martín José Olallo Valdès, Eustáquio Kugler), e tantos outros que, ao longo da história da Ordem, sofreram o martírio e foram perseguidos por causa de Cristo e pela hospitalidade, no Brasil, na Colômbia, no Chile, na Polónia, nas Filipinas, em França, na Espanha, e, recentemente, noutros países.

30. A espiritualidade transmitiu-se também através de outros fundadores e refundadores de comunidades e obras da Ordem: os Irmãos áBonelli (França); Gabriele Ferrara e Giovanni Battista Cassinetti (Itália y Alemanha) e Francisco Hernández (América). Em tempos mais recentes, recordamos Paul de Magallon (França), Eberhard Hacke e Magnobon Markmiller (Alemanha), Giovanni Maria Alfieri (Itália) e S. Bento Menni (Espanha, Portugal e México). O espírito hospitaleiro surgiu, do mesmo modo, em colaboradores que participaram na missão e no espírito carismático.

31. Os valores espirituais que foram dando vigor a esta longa história, a partir da experiência originária de João de Deus, são os seguintes:

- *Experiência profunda da “graça” e da “misericórdia” de Deus, que leva uma pessoa a reconhecer-se como pecador, necessitado de perdão, e a acolher o dom da hospitalidade concedido por Deus com tanta liberalidade a João de Deus e aos seus seguidores.*³¹ João de Deus experimentou o amor misericordioso e infinito do Pai e sentia-se impulsionado a viver misericordiosamente, sobretudo quando meditava sobre a paixão e morte de Jesus Cristo. Foi isso que manifestou de forma simples e profunda, com estas palavras dirigidas à Duquesa de Sesa: *Se considerássemos como é grande a misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos, pois, se nós dermos por amor aos pobres o que Ele mesmo nos dá... suplica-nos de braços abertos que nos convertamos, choremos os nossos pecados e sejamos caridosos, primeiro com as nossas almas e depois com o próximo* (1DS 13). Quando convidava a contemplar a Paixão do Senhor, fazia-o para motivar à acção de graças e à contemplação, para

²⁷ Não se fala neles. Só a Biografia de Francisco de Castro, no Cap. XX, menciona o nome do seu companheiro, Antón Martín. Pelo contrário, em “*El Proceso*”, que é anterior à Biografia de Castro, fala-se muitas vezes dos Irmãos de hábito de João de Deus; e também se fala dos seus companheiros nas Biografias escritas por Dionísio Celi e Antonio Govea. João de Ávila (a quem o Santo, nas suas Cartas, chama “Angulo”) refere o nome de quatro dos companheiros de João de Deus: Antón Martín, Pedro Pecador, Alonso Retingano e Domingo Benedicto.

²⁸ L. ORTEGA LÁZARO, *El hermano Antón Martín e su hospital en la calle Atocha de Madrid* (1500-1936), Madrid 1981, p. 31. Cf. 17-19.

²⁹ Cf. J. SANCHEZ MARTINEZ. “*Kénosis-diaconía*” Id , T 8/5; T 9/5; T 10/5, p. 346, 356, 364.

³⁰ Cf. J. SÁNCHEZ MARTÍNEZ. “*Kénosis-diaconía*” Id , T 11/20, p. 383: acolhiam todo o tipo de pobres, com todo o género de enfermidades, não se importando se eram mouros ou cristãos, e não abandonavam nenhum deles.

³¹ Já nas primeiras Constituições é enaltecido este aspecto essencial.

avivar a esperança em Jesus Cristo, em quem encontraremos conforto e alento nas dificuldades e sofrimentos, e a *fazer o bem e a caridade aos pobres e necessitados* (Cf. 3DS 8, 9; 2DS 9, 19). De João de Deus deriva o lugar privilegiado que, no nosso caminho espiritual, teve e continua a ter a Paixão de Cristo.³²

- *Seguimento de Jesus compassivo e misericordioso:*³³ descobrimos em Jesus a encarnação e expressão humana do Deus-Misericórdia, origem da nossa hospitalidade (Const. 20); seguimo-lo e imitamo-lo nos seus gestos e (Const. 2c; 3a); reconhecemo-lo na pessoa e no rosto do doente e do necessitado, prestando-lhe acolhimento e auxílio amorosos. *Devoção à mi* como exemplo vivo e proeminente de hospitalidade: na sua forma de acolher, servir, interceder, estar misericordiosamente ao lado de quem sofre.³⁴ *Vivência harmoniosa* e integral deus e ao

³² Como sucedeu com João de Deus, Jesus cativa-nos de modo especial com a sua entrega total em amor, morrendo na cruz por nós: *a contemplação da paixão de Cristo, “Homem das dores”* (Is 53, 3), *ocupa um lugar de relevo na nossa espiritualidade* (Const. 33). Sob este aspecto, a tradição da Ordem remonta aos tempos do nosso Fundador, devotíssimo da Paixão de Cristo. Ao contemplar Cristo crucificado, o nosso Pai concentrava-se a meditar tanto sobre os padecimentos de Jesus, como sobre o amor que o motivava a aceitá-los – um amor que o levou a perdoar até mesmo os seus inimigos. É para este mesmo grau de amor que João convida, quando escreve a Luís Baptista: *“Lembraí-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua bendita Paixão, pois retribuía com o bem o mal que Lhe faziam. Assim haveis de fazer vós”* (LB 10). João de Deus convida-nos a imitar a Cristo nos seus padecimentos, dedicando-nos a uma vida de penitência e sacrifício até à entrega de amor ao serviço dos que sofrem. No rosto dorido dos doentes, na vida arruinada dos pobres, João descobre e contempla o rosto de Jesus Cristo. Servi-los, para João, não é uma cruz, não significa sacrifícios: é a manifestação de que o amor de Deus inundou a sua vida e que não pode fazer outra coisa senão amar a todos e sempre, especialmente quando são fracos.

³³ A nossa espiritualidade é, fundamentalmente, cristocêntrica. João de Deus foi um amante apaixonado de Jesus. Através dele, aprendemos a centrar a nossa vida em Cristo e a contemplá-lo na sua maneira de servir, amar e curar os doentes. Jesus de Nazaré é o Mestre que, na sua forma de agir, nos mostra as atitudes e os gestos que precisamos de encarnar para continuar a sua obra de amor. Tal como Jesus, somos chamados a sentir o coração comover-se perante o abandono e a miséria das pessoas (cf. Mt 9, 36) e a entregar-nos ao seu serviço e alívio como a única coisa que verdadeiramente interessa na vida (cf. Mc 6, 34-44); tal como Jesus, experimentamos a capacidade de termos consciência de que, quando nos aproximamos dos necessitados para os servir, manifesta-se a força interior que nos anima (cf. Lc 8, 40-48); ao contemplarmos Jesus que se identifica com os pobres e os doentes, assumindo sobre si as suas dores e carregando as suas enfermidades (cf. Mt 8, 17), renova-se a nossa decisão de nos dedicarmos ao serviço daqueles que sofrem, assumindo, como Jesus, a condição de servos que, com a entrega da própria vida, promovem e defendem a vida dos pobres (cf. Mt 12, 15-21; 20, 28).

³⁴ A *Virgem Maria*, figura da Igreja e primeira entre todas as pessoas consagradas (cf. VC, 112), é para nós um modelo de serviço a Cristo em Hospitalidade. João de Deus amou afectuosamente Nossa Senhora: venerou-A e imitou-A na sua maneira de viver; foi um seu profundo devoto e sentiu-se acompanhado e protegido por Ela em todos os momentos difíceis da sua vida. Todas as Cartas de João de Deus começam com as palavras: *Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta*. Como era seu costume, convidava a que *“... tudo o que fizerdes..., seja tudo para serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria Nossa Senhora* (1GL 12). Invocava Nossa Senhora com a recitação do Rosário e encorajava as pessoas a fazerem o mesmo: *Devo dizer-vos que me tenho dado muito bem com o Rosário e que espero em Deus rezá-lo quantas vezes puder e Deus quiser”* (LB 17). Soube transmitir aos seus companheiros a confiança na Virgem Maria e o desejo de a imitar no serviço aos pobres e doentes. Sirva de exemplo o testemunho do Ir. Antón Martín que, no seu testamento, afirma: *“Em nome da Santíssima Trindade... e da Bem-aventurada Virgem Gloriosa, nossa Senhora Santa Maria sua Mãe, a qual eu tenho por Senhora e Advogada em todos os meus factos... [...] ao serviço de nosso Senhor Jesus Cristo e da sua gloriosa Mãe* (L. ORTEGA LÁZARO, *O Ir. Antón Martín e o seu Hospital na Calle Atocha, em Madrid*”. 1550-1936, Madrid 1981, pág. 8).

Seguindo a tradição da Ordem, as Constituições recolhem o *sentido mariano da nossa espiritualidade: a Virgem Maria é modelo da nossa consagração a Deus* (nº 25), *profundamente hospitaleira* na sua vida consagrada ao serviço da pessoa e da obra de Jesus (cf. Nº 42b). O seu exemplo encoraja-nos a realizar como ela a nossa peregrinação na fé (cf. *Lumen Gentium*, 58) e a imitá-La, acompanhando com integridade e amor afectuoso aqueles que sofrem, associando-nos desta forma *ao sacrifício do seu Filho, que se prolonga na dor da Humanidade* (Const. 34a; cf. 4d). Maria, Saúde dos Enfermos e Mãe de misericórdia, tem *um lugar especial na vida da nossa*

próximo em necessidade. *Perseverança espiritual perante os obstáculos*: é tal a experiência da graça que não há dificuldade nem sofrimento capazes de interromper o que se realiza a favor dos pobres, dos doentes e dos necessitados.

- *Hospitalidade irradiante*: como João de Deus, também os seus seguidores foram recompensados com uma hospitalidade contagiosa e robusta que convencia outras pessoas a participar em novos projectos hospitalares e a entrar em comunhão de carisma e espiritualidade com eles. A irradiação carismática era acompanhada por uma sábia formação dos colaboradores segundo o espírito de João de Deus.
- *Aatenção à pessoa doente e necessitada* como contributo da Ordem à missão da Igreja, que é única. *Profissionalismo*: a tradição hospitaleira da Ordem dá testemunho do interesse em conjugar a missão hospitaleira com os progressos da técnica e da ciência, e com a actualização dos meios segundo os problemas e as possibilidades característicos de cada época.
- *Espírito de entrega até à morte*: é uma constante em muitos seguidores de João de Deus a disponibilidade a entregar-se sem reservas, até inclusivamente sacrificar a própria vida pelos doentes e necessitados. Assim o demonstram feitos heróicos que marcam a história da Ordem em diferentes lugares e tempos: epidemias, guerras, perigos...
- *Inculturação entre os pobres, ou humildade hospitaleira*: é a menoridade, a “kénosis” hospitaleira, que levava os Irmãos a renunciar a uma vida confortável e a todo o tipo de grandeza, adaptando-se ao estilo de vida humilde dos pobres e doentes.

3. Ojeo carisma de João de Deus: Missão partilhada e inculturação 32. João de Deus partilhou com toda a espécie de pessoas o dom que tinha recebido, fazendo com que elas se sentissem contagiadas pelo seu modo de viver o cristianismo e pelo seu amor pelos necessitados: juntavam-se a ele, no serviço, pessoas simples, benfeitores anónimos e figuras da nobreza, que o apoiavam com bens materiais; presbíteros que colaboravam com ele na assistência espiritual de quantos eram acolhidos no hospital, e muitos outros – voluntários, médicos e pessoal de serviço – que, com ele e os Irmãos, assistiam os doentes.

33. O dom da hospitalidade praticado segundo o estilo de João de Deus teve uma irradiação mesmo junto de pessoas que nem sempre estavam animadas pelos valores da fé cristã. O carisma transmitido desenvolveu-se com uma admirável criatividade, dando origem a uma série de realizações adaptadas aos diferentes tempos e lugares. Temos cada vez mais consciência de que o carisma da hospitalidade segundo o estilo de João de Deus ultrapassa o âmbito dos Irmãos que professaram na Ordem. Continua a ganhar corpo uma nova visão da Ordem como “Família”, e acolhemos – como dom do Espírito no nosso tempo – a

comunidade hospitaleira (Const. 42b) e no coração de cada Irmão. Sentimo-nos encorajados a honrá-la e a imitar a sua simplicidade e disponibilidade, a sua entrega e fidelidade ao projecto de Deus sobre a nossa vida (cf. Const. 4c), ao mesmo tempo que a veneramos com afecto de piedade filial, celebrando as suas festas e, de modo especial, a do seu Patrocínio sobre a Ordem, e com as formas tradicionais de devoção, entre as quais sobressai a recitação do Rosário. (Cf. Const. 4d; 42b).

A Virgem do Magnificat põe em relevo um dos aspectos mais claros da nossa espiritualidade: o Deus da misericórdia cumpre as suas promessas de libertação e inclina-se com particular predilecção sobre os pobres e os humildes, e fará triunfar o seu poder de misericórdia sobre a arrogância dos poderosos deste mundo que oprimem os fracos. Como Maria, somos chamados a sentir-nos em comunhão com eles, a sentir como nossa a realidade injusta que os oprime e a comprometer-nos evangelicamente na sua libertação integral (Cf. Lc 2, 46-53).

Na Visita a Santa Isabel, por outro lado, a Virgem Maria propõe-se-nos como modelo de hospitalidade, indo ajudar a sua prima e dedicando-se com simplicidade ao seu serviço e, acima de tudo, porque Deus manifesta e torna presente nela a sua salvação. Deus encarnado no seio de Maria, ao escolhê-la como medianeira para comunicar o seu Espírito a Isabel e ao menino que ela trazia no ventre (cf. Lc 2, 41-44), eleva os gestos de hospitalidade ao nível de sacramento que evoca e realiza a sua acção salvífica.

possibilidade de partilharmos o nosso carisma, a espiritualidade e a missão. e que, entre nós, foi assumindo vigor muito lentamente, é um desafio a viver “*de tal modo identificados com esta missão que os nossos Colaboradores se sintam encorajados a fazer o mesmo*”, não só porque as obras apostólicas da Ordem, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, se tornaram enormemente complexas, mas porque nos sentimos impelidos pelo imperativo evangélico de partilhar com alegria e gratuitamente o que de graça recebemos do Senhor, para o bem da comunidade eclesial e anúncio do evangelho da misericórdia.³⁴ 30s Irmãos missionários – em missão *ad gentes* – fizeram o possível para que o carisma de João de Deus se difundisse e consideravelmente e para a sua inculturação; agora, está a verificar-se a passagem da inculturação para a *encarnação do carisma e da missão da Ordem* através de Irmãos autóctones. Isto significa que é necessário ultrapassar as maneiras de viver a consagração em hospitalidade segundo o estilo das culturas de origem dos missionários e promover um estilo e formas em que cada cultura o possa viver, conservando os aspectos genuínos do carisma que são perenes. As exigências são ainda mais significativas na missão, a qual deverá passar progressivamente de estilos de organização a assistência segundo modelos do primeiro mundo para modos de realizar a hospitalidade adequados a cada realidade, encarnada no âmbito sócio-eclesial, sem renunciar ao valor tradicional da Ordem de promover uma assistência digna, baseada nos progressos da ciência e da técnica e realizada por Irmãos e Colaboradores bem qualificados.³⁵ Deste modo, ao mesmo tempo que o carisma de João de Deus se enriquece com os valores de cada cultura, a Ordem continuará a desempenhar o papel de ser consciência crítica nos lugares em que a assistência médica e social for deficiente e de promover o desenvolvimento saudável das estruturas clínicas e assistenciais às quais todos possam aceder, especialmente os mais desfavorecidos.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. A partir da minha experiência pessoal com o chamamento vocacional, posso reconhecer claramente como vivi as etapas de esvaziamento, chamamento, alteração e identificação?
2. O chamamento vocacional foi sempre entendido como um processo pessoal com Jesus, que chama, e o discípulo que responde. Na nossa vida comunitária hospitaleira também é possível experimentar as etapas do caminho espiritual de João de Deus? Quais delas podes reconhecer?

—O que posso fazer de modo a contribuir para transformar a nossa comunidade mediante a palavra de Deus e para podermos viver plenamente identificados com o Jesus misericordioso que João de Deus experimentou na sua vida, em Granada?